

A GESTÃO DO ESTUDO PARA ENFRENTAR O VESTIBULAR: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

Amanda Cambuí Pereira¹
Ana Altina Cambuí Pereira²

INTRODUÇÃO: ABRIR SEM FECHAR...

Antes de elevar os nossos níveis de estresse já tão comuns na contemporaneidade, quando em luta por um objetivo, é válido que entendamos, de fato, qual a importância da realização de uma meta para nós e para o mundo. Por isso, compreender o real papel da educação em uma sociedade que se transforma rapidamente e, em conjunto, com a “velocidade da internet”, é fundamental para que possamos criar metas convenientes aos nossos anseios, bem como, sobretudo, às necessidades do homem moderno. Segundo Berman (2007, p. 24):

ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. [...] Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo que é sólido desmancha no ar’.

Destarte, o jovem do século XXI, individualizado em razão da surpreendente tecnologia, necessita de amplos horizontes para decidir o seu cargo social. Logo, possuir um esboço mental a respeito de um mundo que separa humanidade e natureza cada vez mais, visualizando o que esse clama e de que maneira podemos

¹ Graduanda do curso de Direito na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Estudou Teclado e atualmente estuda Piano na TEMUS Escola de Música e Tecnologia. Escreve poesias desde os 7 anos de idade, e participou do livro "Um dedo de prosa e poesia", publicado no XVIII Concurso Literário Carlos Drummond de Andrade. E-mail.: amandacambui@ig.com.br.

² Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Pós Graduada em Novas Tecnologias na Educação pela Escola Superior Aberta do Brasil – ESAB – Espírito Santo e Graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário da Bahia - Estácio FIB. Membro do Grupo de Pesquisa Docência Universitária e Formação de Professores – DUFOP / UNEB. E-mail: cambuiana@gmail.com.

contribuir para sua melhoria, nos direcionará, certamente, para o caminho do sucesso.

De antemão, é evidente que a desejada vitória é proporcional ao esforço e à dedicação de cada um. Sejam realistas e deixemos de lado a sorte: talvez o café que até então era apreciado torne-se amargo de tão consumido e, possivelmente, algumas coisas que faziam parte do bem-estar pessoal tenham de ser deixadas de lado. Haverá, portanto, impulsos diários e momentâneos que surgirão do nosso íntimo e daqueles que estão à nossa volta, a fim de que continuemos buscando pelo êxito tão desejado por tantos jovens nessa fase da vida.

E, NESSE BALANÇO, EU VOU...

“Supercampeã’ entra em Harvard e em mais 5 universidades americanas”. Foi assim que se tornou conhecida Tábata Cláudia Amaral de Pontes. Ainda que soe tão distante da realidade dos milhares de estudantes dispersos pelo Brasil, Tábata, com apenas 18 anos, almejou seu sonho “meio grande” mesmo inserida em uma limitada realidade financeira, em razão de ser filha de vendedora de flores e de cobrador de ônibus (FAJARDO, 2012). Provou, assim, que o fator mais relevante na *gestão do estudo para enfrentar o vestibular* é a força de vontade. Demonstrou também que “quem tem uma razão de viver é capaz de suportar qualquer coisa”, como registrou Allan Percy (2012) em sua obra “Nietzsche para estressados”, que reúne 99 máximas do filósofo alemão. Tábata Amaral, no entanto, deixou a seguinte máxima: “Dá trabalho, mas não é impossível”.

A universidade não pode e nem deve formar pessoas para atender simplesmente a lógica do mercado, uma formação por “encomenda”, cujos saberes refletem apenas aos objetivos imediatos do Estado. Ora, mais do que formar profissionais, é preciso que a universidade contribua significativamente para a formação de seres humanos que

no exercício de qualquer atividade ou função e nos vários contextos e momentos de sua existência, possam superar a mera competência técnica especializada, viver e agir tendo em vista a plena realização da vida do espírito, da sociedade e da humanidade excelentes, da autonomia, da igualdade, da democracia, da justiça. Formar os estudantes [...] na e para a autonomia não significa liberá-los para fazerem o que quiserem, nem serem omissos na defesa de ideias e

princípios, mas orientá-los nas questões relativas ao saber, ao ensino, à aprendizagem, à existência social e pessoal. É preciso, então, [...] interrogar o mundo, o homem, a sociedade, a cultura, a educação, a escola e que, elevando-se acima da mediocridade e da banalização dessas realidades, contribua para a elevação de todos os humanos ao mundo da cultura, do espírito, da autonomia. (COÊLHO, 2006, p. 50).

Em outro contexto, a atriz e estudante Bianca Salgueiro obteve quatro resultados positivos nas maratonas de vestibulares. Aprovada em 1º lugar na classificação geral da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Bianca aliou a rotina de estudos à de trabalho, além de ter unido concentração à responsabilidade. Para dar conta das duas prioridades, ela cortou atividades, como as aulas de mandarim e até o horário de almoço, deixando evidente, dessa forma, que o caminho para a realização de um sonho contará, a todo instante, com a determinação que a pessoa carrega consigo. Em suma, segundo o dicionário Aurélio, o vocábulo determinação significa: “1. Ato ou efeito de determinar (-se). 2. Resolução, decisão. [...] 7. Característica que serve à determinação: uma qualidade, um atributo, etc.”

E O VESTIBULAR, O QUE É MESMO?

Sinônimo de estresse e angústia para muitos estudantes, o vestibular, por vezes, é visto como um tormento. Entretanto, é relevante saber, de início, que “denomina-se VESTIBULAR o processo seletivo para ingresso de alunos oriundos do Ensino Médio”, de acordo com o Manual do Candidato da Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2012-2013). Assim sendo, é necessário o entendimento de variados assuntos das matérias curriculares do Ensino Médio, a exemplo de Química, Matemática e História.

Por conseguinte, o ingresso de novos alunos em todo o país nas instituições públicas e privadas de graduação ocorre de maneiras diversas, podendo haver ou não o uso da pontuação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), aplicado pelo Ministério da Educação (MEC). Hoje, as universidades aderiram ao ENEM, mas utilizam-se de formas variadas. Para algumas, o ENEM é a única forma de entrada na universidade, como passou a ocorrer com a UFBA no vestibular de 2014 (realizado no caso em 2013). Outras reservam uma parcela das vagas para o

ENEM. E, nesse caso, podem aparecer o SiSu, para universidades públicas, e o ProUni, para universidades privadas. De forma geral, as universidades disponibilizam o ENEM como um modo de ingresso.

Fica sob a responsabilidade do aluno a cautela no que diz respeito às datas de matrículas e de provas, bem como a atenção quanto aos documentos exigidos em ambos os eventos. De certo, a participação da família e da instituição de ensino é importante, ao passo em que o adulto costuma apresentar maior experiência com tais assuntos. Além disso, deve-se atentar para o leque de cursos oferecidos pelas instituições, buscando descobrir qual a sua vocação profissional. Provavelmente, matérias com maior afinidade restringirão as tantas possibilidades. E, por ora, preocupar-se durante a formação estudantil com as exigências do mercado de trabalho quanto às competências adquiridas, como o domínio de línguas estrangeiras, o trabalho em equipe e até a multifuncionalidade, isto é, possuir especializações diversas, acrescenta pontos significantes na lista de habilidades do futuro profissional.

BREVE REFLEXÃO HISTÓRICA

Outro expressivo tema em se tratando de vestibular no Brasil é a política das ações afirmativas. Sancionada pelo Governo Federal, a Lei nº 12.711/2012 estabelece a reserva de, no mínimo, 50% das vagas para “estudantes que tenham cursado todo o ensino médio em escolas da rede pública, com distribuição proporcional das vagas entre negros, pardos e indígenas”. Desse modo, oposto à livre concorrência, o sistema de cotas possui o intuito de garantir vagas para determinados grupos que, porventura, tenham sido prejudicados em algum processo histórico e, em razão disso, possuam “maior dificuldade para aproveitarem as oportunidades que surgem no mercado de trabalho”, além de serem “vítimas de discriminações nas suas interações com a sociedade”, conforme o Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação (IPAE, 2010). As vagas deixaram de ser, então, ocupadas somente através do “critério de desempenho acadêmico”, de acordo com o Manual do Candidato da UFBA (2012-2013).

Todavia, compreender a justificativa utilizada para o estabelecimento do sistema de cotas, requer o regresso ao período colonial no Brasil, com início datado de 1500. Por essa via de pensamento, é essencial a análise da escravidão africana

e da indígena, desviando da historiografia tradicional, que se guiam, sobretudo, pelos feitos europeus, suas conquistas e modo de administração no Novo e Velho Mundo.

DESVELANDO OS CAMINHOS DESSES MARES NAVEGANTES...

A princípio, os navios tumbeiros que transportaram os africanos para o Brasil, foram somente a primeira provação que esses teriam de enfrentar a partir daquele instante. Os castigos físicos, a negação dos costumes e valores próprios, a separação dos familiares, dentre tantas outras barbaridades cometidas pelos europeus, tornaram homens e mulheres nascidos na África, sobretudo em países como a Nigéria, Moçambique, Daomé e Angola, susceptíveis a desvantagens profissionais e acadêmicas na sociedade brasileira hodierna. A sanção das leis do Ventre Livre (1871), dos Sexagenários (1885) e Áurea (1888), não forneceram meios aos ex-escravos de encontrarem condições dignas de sobrevivência, deixando boa parte, à margem da sociedade.

Por outro viés, tem-se o índio. Preservado, mais tarde, pelos missionários jesuítas, o real brasileiro sofreu, também, com o bandeirantismo apresador. Contudo, em virtude da escravidão indígena não ser tão lucrativa quanto a africana e, em razão, também, da resistência de muitos nativos que morriam por suicídio ou pelo trabalho exacerbado, o índio foi catequizado, recebendo, dessa forma, a cultura europeia e perdendo, como resultado, sua identidade.

Em síntese, a humanidade existente em ambos os povos foi negada em razão dos interesses econômicos de portugueses e espanhóis, sobretudo. As ações afirmativas e principalmente o sistema de cotas surgem para restaurar a perdida dignidade. Desse modo, dá-se o ensejo que lhes foi retirado em todo processo histórico, sem cortar, no entanto, “o mal pela raiz”.

O QUE VEMOS NA CONTEMPORANEIDADE?

É evidente que o Brasil ainda carece de investimentos no ensino público, principalmente na educação de base – com a valorização dos professores, melhores escolas e, só a partir disso, teremos condições de ver profissionais bem mais preparados adentrando no mercado de trabalho. Contudo, os gastos de R\$26,1

bilhões com a Copa do Mundo de 2014, de acordo com 4º Balanço das Ações do Governo Brasileiro para a Copa 2014, contrastam com os investimentos de R\$ 9 bilhões na educação básica. Além disso, segundo o site “DE\$VIÔMETRO”, que tem como base “um estudo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), realizado em 2010, com o título “Corrupção: custos econômicos e propostas de combate”, com a parcela do montante desviado dos cofres públicos seria possível contratar quase três milhões de professores para lecionarem no Ensino Médio.

Tais números e estimativas ilustram, então, a necessidade de direcionar a atenção do país para o que realmente o leva adiante: a educação – universalizada pelos japoneses durante a industrialização do país. Investir na educação de crianças e jovens, antes de iniciarem sua profissionalização no ensino superior, certamente, proporcionaria maiores efeitos quando comparados aos ajustes que são feitos já durante a graduação. Cabe ao brasileiro, por fim, melhor cuidado nas questões referentes à administração pública, pois mesmo não participando ativamente de movimentos de cobranças políticas, a exemplo do Dia do Basta, exercer a cidadania por meio do voto torna-se extremamente importante, visto que selecionamos pessoas que vão gerir nossas vidas e que serão decisivas no presente e no futuro do país.

MINHA ITINERÂNCIA PARA PASSAR NO VESTIBULAR DO CURSO DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

Sendo o vestibular uma já convenção da sociedade e uma também “obrigação” do jovem para com essa, consolidar alicerces é imprescindível para manter-se de pé no decorrer deste processo. Assim, já de início, admito que a experiência repassada pelos familiares e professores foi, sem dúvida, de essencial importância para que eu pudesse dar alguns passos certos., em outras palavras, levou-me a aceitar as tantas noites mal dormidas, a opção pelo estudo e, por consequência, pelo recolhimento à presença de entes queridos e de amigos, mostrou-me, também, que haveria o momento certo para descansar corpo e mente, bem como que, na maioria das vezes, havia a possibilidade de dar mais um pouco de si. Além desses ensinamentos e de muitos outros que foram escutados e absorvidos com zelo, guardo a preocupação dos meus avós. Enquanto, por um lado,

minha avó Rita rezava incessantemente, meu avô Aristides dizia: “Cuidado para não estudar demais e enlouquecer, minha filha. Conheço um rapaz que morreu de tanto estudar”. É o conhecimento popular, o senso comum que é capaz de nos direcionar para um melhor entendimento da ciência pós-moderna, pois esta sabe que nenhuma forma de

conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o **conhecimento do senso comum**, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido à nossa vida. A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo. É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico. [...] O senso comum é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; **reproduz-se espontaneamente no suceder cotidiano da vida**. O senso comum aceita o que existe tal como existe; privilegia a ação que não produza rupturas significativas no real. (SOUSA SANTOS, 1988, Não paginado, grifo nosso).

Recordo-me de que, antes do início das aulas, já ouvia minha mãe relatar sobre o depoimento de outros jovens que passaram – com sucesso – pelo que eu logo estaria passando, além da indescritível cooperação ao corrigir tantas redações, me transmitindo, dessa forma, o precioso conhecimento que ela carrega nessa área. Conteí com os diálogos majoritariamente intelectuais com meu pai, além de sua tranquilidade e paciência nos momentos mais desesperadores. Em suma, as pessoas que partilharam desta vivência junto a mim, tornaram claro que seria um processo árduo, mas que valeria a pena. Percebi que devemos pautar as atitudes nos resultados, respeitando – sempre – o bem comum.

Já em um plano individual, foi indispensável visualizar o que estava sendo desejado, bem como o que teria de ser feito para alcançá-lo, a fim de compreender a dimensão do caminho a ser percorrido. Assim, do mesmo modo em que empresas são administradas com propósitos diversos, como cumprir o papel social de produzir emprego e renda, gerar lucros para os donos ou acionistas, contribuir para o crescimento do país e para a sustentabilidade do planeta; a vida de um indivíduo deve ser regida para que esses se mantenham ou incluam-se em trilhos

promissores, realizando as metas (flexíveis) dos seus projetos de vida, visto que devemos, sim, nos permitir e evitar fazer da existência uma batalha constante, rodeada de regras individuais. É imprescindível, portanto, saber quais rumos dar a vida, atentando para sua trajetória e, sobretudo, para os empecilhos que habitualmente surgirão.

Certamente, meu desafio iniciou-se quando escutei do professor de Geografia que apenas uma ínfima parcela dos terceiros anistas passam no vestibular da Federal em sua primeira tentativa. Foi assim que me senti, então, convidada a aproveitar todas as oportunidades que viriam dali por diante: *aulas com conteúdos verdadeiramente explicados, livros que aprofundavam os assuntos e que forneciam exercícios em associação aos módulos de questões, provas de vestibulares anteriores, que, indubitavelmente, fornecem a técnica da escrita, seja em questões discursivas, seja em produções textuais, jornais expondo a realidade do mundo afora e que explanavam, também, seus posicionamentos críticos, os livros literários – sugeridos e cobrados pela UFBA na 2ª fase do seu processo seletivo – que foram fundamentais para ampliar a compreensão do mundo em que vivemos, assim como as aulas de Literatura a respeito das obras que esclareceram o que foi dito por cada autor, além das aulas de Filosofia que ilustram o mundo como ele é e que, erroneamente e até infelizmente, são desvalorizadas por grande parte dos alunos do Ensino Médio.*

Vale ressaltar que mantive a carga horária de estudos entre 12 e 16 horas e que o diferencial estava na regularidade, isto é, sentar-se à mesa todos os dias, de segunda a segunda, inclusive feriados. Aos sábados optava por atividades mais leves, como leituras e documentários.

Sem dúvida alguma, ser vestibulando e estar no 3º ano pode ser impressionante. Se os pés não estiverem firmes no chão, surge o desespero, a angústia e o medo, sobretudo, quando se tem de enfrentar uma alta concorrência. Recorrer, então, ocasionalmente, a atividades desvinculadas do estudo para preparar a mente outra vez para os livros, foi vital. Logo, meus eternos companheiros, *a música e o piano*, tornaram a jornada mais branda em momentos enfadonhos e estressantes. Foi – e é – necessário aprender a aprender. Ou ainda, quem sabe, apreender a essência dos objetos de estudo; assimilá-los. Descobri que quem quer algo faz aquilo que pode para alcançá-lo. Sem rodeios, sem desculpas. Como asseverou meu professor de Filosofia, “seu maior concorrente é você

mesmo”. Ainda, recorro a Sousa Santos (1988, Não paginado) para dizer que “se todo conhecimento é autoconhecimento, também todo o desconhecimento é auto desconhecimento”. Por fim, ilustra Clarice Lispector, exímia poeta da 3ª fase do Modernismo no Brasil, os relatos da minha experiência:

Sonho

Sonhe com aquilo que você quer ser,
porque você possui apenas uma vida
e nela só se tem uma chance
de fazer aquilo que quer.
Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.
As pessoas mais felizes não tem as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor das oportunidades
que aparecem em seus caminhos.
A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se machucam
Para aqueles que buscam e tentam sempre.
E para aqueles que reconhecem
a importância das pessoas que passaram por suas vidas.
O futuro mais brilhante
é baseado num passado intensamente vivido.
Você só terá sucesso na vida
quando perdoar os erros
e as decepções do passado.
A vida é curta, mas as emoções que podemos deixar
duram uma eternidade.
A vida não é de se brincar
porque um belo dia se morre.

Vivendo um dia de cada vez, o processo tornou-se aceitável, quando aplicadas foram, também, algumas doses de ternura pelo que estava sendo feito. E, no final das contas, a dádiva é o conhecimento obtido, visto que esse é uma chave universal, que nos leva a lugares inimagináveis – não somente físicos como também intra e interpessoais.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRASIL. **Lei nº 12.711/2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília DF, 2012.

COÊLHO, Ildeu M. Universidade e formação de professores. In.: GUIMARÃES, Valter Soares (Org). **Formar para o mercado ou para a autonomia?** Campinas, SP: Papius, 2006.

CORRUPÇÃO: custos econômicos e propostas de combate. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.desviometro.com.br/quem-somos>. Acesso em: 28 fev. 2013.

FAJARDO, Vanessa. Supercampeã' entra em Harvard e em mais 5 universidades americanas, **G1 Educação**, São Paulo, 01 abr. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/04/supercampea-entra-em-harvard-e-em-mais-5-universidades-americanas.html>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GOVERNO federal sanciona lei de cotas para universidades federais. Salvador, 30 ago 2012. Disponível em: <http://www.ouvidoriageral.ba.gov.br/2012/08/30/governo-federal-sanciona-lei-de-cotas-para-universidades-federais/>. Acesso em: 23 mar. 2013.

INSTITUTO DE PESQUISAS AVANÇADAS EM EDUCAÇÃO. **Considerações acerca do sistema de cotas no Brasil**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ipae.com.br/et/32.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Sonho**. Disponível em: http://pensador.uol.com.br/sonho_poema_de_clarice_lispector/. Acesso em: 01 abr 2013.

PERCY, Allan. **Nietzsche para estressados**. São Paulo: Sextante, 2012.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna**, São Paulo, 1988. Não paginado. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana%20Altina%20Cambu%C3%AD/Desktop/MESTRADO%20UNEB/UM%20DISCURSO%20SOBRE%20AS%20CI%C3%84NCIAS.htm>. Acesso em: 03 abr. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Manual do candidato da UFBA**, 2012-2013. Disponível em: http://gcovest.htl.com.br/anexos/1373330907_MANUAL%20VEST%20UFPE%202013_final.pdf. Acesso em: 07 mar. 2013.